

IN
TRO
DU
ÇÃO



Quando minha segunda filha nasceu intimei um grupo de amigas a fazer um *blog* coletivo só com verdades. Nem eu aguentava mais a contradição entre minhas fotos no Instagram e a vida real. Eu estava cansada, infeliz, frustrada. Mas na internet minha vida seguia como um exemplo de felicidade e bonança.

O *blog* durou um tempo, mas passou longe do objetivo inicial. A sociedade não estava pronta pra isso, nem a gente. Era uma época em que #amomuitotudoisso imperava e não tinha espaço para ser diferente.

Chorei muito depois que as minhas filhas nasceram. Nem sempre foi de felicidade. Muitas vezes foi de desespero, de não saber o que fazer. De solidão, de frustração.

Felizmente, um sopro feminista vem libertando não só a mim, como a diversas mulheres que perceberam que não estão sós. Podemos ser honestas com nossos sentimentos e admitir que a mensalidade no clube das mães é mais cara do que dizem por aí.

Não se preocupe, este não é um livro de choramingos. É o contrário: tem histórias engraçadas, singelas. É mais fácil você, leitor ou leitora, ficar com raiva de minha sinceridade do que com pena de mim.

Ele é um recorte sem filtro dos meus dias. É uma soneca no sol numa tarde de inverno. É

um banho quente de menos de um minuto porque as crianças estão berrando na sala. É dizer não para trabalhos porque não se tem com quem deixar os filhos. É dizer sim para uma viagem sem crianças por se sentir merecedora de descanso.

Este livro é sobre maternidade e todos os sentimentos loucos que temos em relação a quem de alguma forma criamos, seja um filho natural, adotivo, neto ou sobrinho. É sobre família e é sobre nossas mães também, esses seres que falam uma língua estranha e chata que só entendemos quando entramos para o clube e nos tornamos uma delas.

Convido aqueles que leram o livro do meu marido, *O papai é pop*, a conhecer o lado mais in(tenso) da experiência. *A mamãe é rock* é um recorte sem filtros de nosso cotidiano com as meninas.

Para quem não tem filhos, pode ler sem medo. Lá pela página 54 você já estará pensando em nomes. Para as mães, espero que se identifiquem ou que, ao menos, entendam melhor o meu subgrupo. Aos pais, que dividam sempre as tarefas, que sejam presentes e compreendam melhor o que as mães passam e dizem estar sentindo, como vem aprendendo meu marido, o papai pop.

E às minhas filhas, que se divirtam com a leitura e não fiquem bravas com a crônica sobre os piolhos.

Boa leitura a tod@s



Eu sou a mãe do ano, aquele ser amoroso que nunca grita e que faz bolinhos sem glúten para as crianças levarem de lanche para a escola. Está bem, tudo isso é mentira.

Com onze anos de experiência, não tenho vergonha de admitir pequenos delitos na maternidade. Descobri nas pracinhas, grupos de mães na internet, reuniões de escola e aniversários infantis que a mãe que nunca se descabelava quando o filho ameaça atravessar a rua sozinho é uma lenda, uma mentira bem contada. Tão real quanto a Chapeuzinho Vermelho ou a Bruxa Malvada.

Uma das minhas falhas é deixar minhas filhas pularem o banho quando está frio demais. Sem exceder o equivalente a um feriado prolongado, é claro. "Antes suja do que resfriada", postulava minha avó de origem italiana.

Note que naquela época nem existiam os lenços umedecidos.

Não separo as brigas, às vezes, para deixá-las se resolverem sozinhas. Ajudo a guardar os brinquedos com muita frequência porque odeio bagunça e vivo com pressa. Eu sei que o certo é ensiná-las a arrumar as suas coisas e ser dura com isso. Mas, na prática, quase ninguém consegue bancar a professora de vida 24 horas por dia.

Raramente vou aos aniversários de coleguinhas porque tenho preguiça e não gosto das músicas de festas infantis. Também não faço muitos eventos porque, acabada a festa, não consigo guardar direito os presentes no caótico armário das minhas filhas. À medida que as crianças crescem, os guarda-roupas vão encolhendo, sabia?

E, por último, não gosto muito de brincar. Tenho dificuldade em jogar jogos e servir chá para as bonecas no chão da sala. Quando ajudo na lição de casa, sempre quero ir além e, sem perceber, já introduzo logaritmos quando era só pra extrair umas raízes quadradas.

Resumindo, sou chata e um pouco relapsa. Como todas as mães de verdade, não como aquela impecável e sorridente que aparece nos comerciais tirando os germes do chão e se divertindo horrores com a garotada. Ou seja, sou assim, como você.



Cabelo

se corta em casa e outras modas

Roupa serve para proteger o corpo. Também serve para expressarmos nossa identidade. No caso das crianças, que não têm tantos filtros sobre o que devem usar, é muito interessante observar suas vestes e manias. É cansativo também, porque seria bem mais fácil se elas usassem qualquer roupa, de qualquer cor, e pronto. Nunca é assim, pelo menos aqui em casa.

A elegância, mesmo a infantil, pode custar muito caro. Para driblar isso, eu herdo algumas peças de familiares e amigos, compro em brechó e deixo que mexam no meu closet. Tudo é de todas. Uma casa com três mulheres tem potencial natural para ser um camarim bagunçado.

Anita está sempre vestida como se estivesse indo para uma reunião no Google. Ela combina uma paleta de cores bem básicas –

azul, jeans, preto, branco e cinza – com uma peça de cor bem vibrante, de preferência verde-esmeralda ou laranja. É tão pequena que usa as mesmas roupas anos a fio.

O cabelo a gente corta em casa. Depois que descobrimos no YouTube uma técnica de pentear toda a cabeleira para frente, prender com elástico embaixo do queixo e cortar reto, nunca mais gastamos dinheiro com salão. O corte sai todo em camadas e sempre fica num comprimento que dá pra prender, o que é fundamental. Até minha sogra virou cliente do nosso estabelecimento. "Cortes de graça em 5 minutos" é o nosso *slogan*.

Na contramão do minimalismo, o estilo da Aurora é sincretismo monárquico. "Ah não, se não for rodada eu não uso" é uma das exigências para saias em seu *dresscode*. Tudo sempre tem um quê de princesa. Seu guarda-roupa é assim: vestido de Branca de Neve, de Elza da Frozen, de Chapeuzinho Vermelho, asas de princesa, borboleta e coroa para dar um toque real em qualquer *look*. Os sapatos têm que ser sapatilhas, de preferência brancas, vermelhas ou douradas.

Algumas regras servem para as duas: se está frio, elas querem as regatas, os sapatos abertos e os tecidos leves. No verão, "mãe, cadê minha meia-calça de oncinha? A touca de coruja? A saia de flanela xadrez?". Por que será que as crianças têm o sensor de temperatura invertido?

Nesse inverno, não caio mais no golpe do pijama de corpo inteiro de *soft* que protege

crianças descobertas em noites congelantes. Tenho meia dúzia desses guardados. Todos com etiqueta. Obrigar uma criança a usar um tip-topão desses é como fazê-la comer toda a comida sem levantar da mesa nenhuma vez, tomar banho sem molhar o banheiro ou cortar as unhas sem ficar se mexendo. Aliás, obrigar uma criança a usar qualquer coisa é um trabalho do cão.